



NO POUSO, UMA DAS PRIMEIRAS MEDIDAS DO PACIENTE CARRETEIRO É A "DESCANGA" DOS PACIENCIOSOS BOIS.

CARRETEIROS

Resistindo ao progresso que toma conta das coxilhas do sul, o carreteiro é hoje um dos últimos vestígios da vida pitoresca do velho Rio Grande...

Reportagem de
LUIZ CARLOS LESSA

*Os quero-queros no sanga
Contam logo a novidade...
— Tão raro na atualidade
É o cruzar de uma carrêta,
Que late pássaro chereta,
De volta estranha se assumiram...*

ASSIM canta o poeta gauchesco Juca Ruivo. E é verdade! Já é raro ver-se cruzando estas coxilhas do sul uma carrêta. Digo carrêta com-

pleta, daquelas tradicionais carrêtas do Rio Grande, puxadas a oito juntas de boi, com o velho carreteiro ao lado, no picão lardo, agulhada de taquara em punho. Hoje o trem e os caminhões rasgam de ponta a ponta o território rio-grandense, e o carreteiro, o velho palmilhador das lonjuras, vai sendo atirado às regiões recônditas do pago, lá onde as quase intransitáveis estradas desafiam a perícia do mais perito "chauffeur". Velha carrêta! Imagem do pampa antigo, reliquia dos velhos tempos em que nada passava à tua frente em

Fotos de
SIMCH e DAMM

que eras o encurtador único das imensas distâncias da planura! Velha carrêta que merecesse o monumento mais lindo da América do Sul! Ainda enfrentas a civilização, resmungando o teu choro pelas várzeas do Rio Grande. E quando surges, rangendo pelas voltas do caminho, vens trazendo a pouco e pouco, acompanhada pela musiquinha do sino preso ao pescoço

Cont. na pág. seg.



"HOMEM que não pita não é homem" — e mesmo os carreteiros puzam da "xerengue" e picam o criculo, amaciando a palha na boca.

ACOSTUMADO a uma vida sem pressa, o carreteiro gosta de demorar no pé do fogo. E quase não fala, prefere mais o silêncio.

dos ponteiros, a história do passado rio-grandense. Velha carrêta: continua em tua fuga para as campanhas desertas até que chegue o dia em que o carreteiro, à sombra de um umbú, chore contigo esse tempo feliz, que então já terá desaparecido por completo.

PASSADO X PRESENTE

Houve época em que um carreteiro tinha o seu prestígio, no Rio Grande. Era procurado por todos, era o rei da terra. Trazia as encomendas as mercadorias da cidade, e transportava passageiros de um pago a outro, levando as novas de povoado em povoado, espalhando pelos rincões da província as mensagens da civilização.

Nas regiões onde não havia linhas de diligência, era a carrêta o principal meio de transporte. E quantos romances se deseprolavam dentro daqueles veículos toscos, rudes! Tragédias, heroísmos, novelas de amor... tudo isso vemos brotar da boca dos velhos carreteiros, recordando aqueles tempos que não voltam mais. Uma viagem "até à cidade", durante seus oito dias, podia encerrar muitos acontecimentos. Imaginemos, por exemplo,

uma gauchinha linda fazendo uma viagem dessas. E se formos camaradas, demos ao carreteiro um tipo esbelto, varonil. Pensemos também naquelas noites estreladas, nos pousos em campo aberto, com uma lua maravilhosa a esporear o coração da gauchita. E, se o leitor tiver boa imaginação, poderá fazer, com essas hipóteses e os oito dias de viagem, uma bela história de amor.

Carreteiro, naquele tempo, com umas dez carrêtas e umas cinquenta juntas de boi, estava feito. Quando quisesse mudar de vida, era vender aquilo, juntar os cobres, e arrendar umas quadras de campo. Havia empresa de carrêtas, como hoje há de caminhões e ônibus. Mas isso, "naquele tempo"...

Hoje, tudo mudou. O trem de ferro acordou as coxilhas com seu apito estridente. O caminhão veio zunindo fazendo um barulhão desde longe, passou como uma ventania pela carrêta lamuriosa, espantou a boiada e ainda salpicou de lama o carreteiro. Este, calmo como sempre, somente murmurou:

— Mas veja vancê! Estes graúdos pensam que a estrada é pertence só deles... veja vancê!...

Mas há a vingança. Há o inverno.

Há o inverno brincando de amigo da onça nas estradas esburacadas do interior do Rio Grande. E, quando menos espera, o carreteiro vai encontrar, "atolado até o elixo", forcejando em vão para se livrar do "peludo", aquele mesmo carro que o sujara de barro, que lhe espantara a boiada. O moço da cidade, vendo aproximar-se a junta de bois, é iluminado por um ralo de esperança — sabe que somente ela o poderá tirar daquela situação difícil. E pede, respeitoso, quase numa súplica:

— Boa tarde, nosso amigo! O senhor poderia fazer o favor de me ajudar um pouco? Se pudesse dar-me u'a mãozinha com os seus animais, eu lhe ficaria muito grato, pois, em caso contrário, permanecerei aqui a vida inteira. Vamos ver, nossa amizade! Eu pagarei qualquer quantia...

E o carreteiro, calmo, descansado, inalterável, vai desprendendo os bois da carrêta, amarra os maneadores ao auto, dá o grito de "Bamo!", a boiada forceja, bufa, resmunga, e lá se vai mesmo o automóvel. E que orgulho lhe enche a alma: ali, a velha carrêta, a carrêta de pobre, carrêta imprestável, vem mostrar que ainda pode "tirar de cumbucas" o automóvel imponente, com mil e um apar-



HOJE é raro ver-se uma carrêta das "legítimas" — toidada, puxada a cinco juntas de boia, o velho carreteiro ao lado...

NO inverno, qualquer sanga fica a "campo fora", trancando o chofer metido a herói. E só o carreteiro poderá salvá-lo.



ESTE gauchito nasceu, há um ano, nesta carrêta. Desde então, sua vida vem sendo contada pelo número de viagens da carrêta...



MAS, quando o carreteiro resolve falar, então, em voz lenta ele narra longas histórias, gauchadas dos velhos e saudosos tempos...

tos, o sêlo do progresso a brilhar por todo êle.

Contente por estar livre do atoleiro, o dono do automóvel pega da carteira recheada de notas e indaga:

— Quanto devo?

E o carreteiro, voz sumida, compassada, sempre lenta:

— Isto não é nada, moço... Um ajudôrio, no mais... Mas cuidado, seu! Há muito barranco por esta estrada afora, e a campanha vê de ôlho meio atravessado essas finuras da cidade... Bueno: até outra vista, se Deus quiser, patrício!...

A propósito, conta-se a história daquele campeiro que, após tirar do "tatu" um automóvel, graças ao esforço de seus bois, disse ao "chauffeur":

— Chô-mico!... Hoje já é o oitavo fordeco que eu tiro do manancial...

— Mas como?! — indaga o cidadão. — Então o senhor nem pode trabalhar, hein?

— Que nada! Se trabalha de noite mesmo, feito coruja...

— De noite?! Mas o que pode o senhor fazer à noite, por aqui, rapaz?

E o outro, com uma risada gostosa:

— Ah! Carrego água pro atoleiro, doutor!

"A PACIÊNCIA CAMINHANTE"

Embora sendo raro, ainda se encontra, hoje em dia, gingando pelas serranias do sul, alguma carreteada grande. E quanta poesia encerra aquêle veículo rude de nossos avós campestres! Quando surge, numa volta do caminho, os eixos mal engraxados rechinando um lamúrio nunca interrompido, parece-nos uma visão do passado. O carreteiro, imponente, longa aguilhada de taquara balançando à destra, acompanhando o passo descansado dos bois; a gurizada, pulando, seguindo a pé; o cusquinho, língua de fora, trocando pernas à sombra da carrêta; o "muchacho" deixando seu rastro pelo meio da estrada; e, no areião batido pelo sol, a baba viscosa dos bois brilha um instante, até que a poeira tudo apaga.

Os bois, em passos cadenciados e vagarosos, vão fazendo os seus vinte quilômetros diários. E o carreteiro, acostumado a esta lentidão — talvez torturante para outros — também nunca tem pressa. Já disse um poeta que o "carreteiro é a paciência

cia caminhança". De fato, tudo nêle é calma e paciência. Sua vida é um eterno viajar; para que descansar, então? Descansa montado no pingô, acompanhando a carrêta. E a sua voz, também lenta, vai prevenindo os bois dos cocurutos da estrada:

— Hou! Hou! Cola branca, boi velho! Och!

E, de vez em quando, tentando mudar o monotonismo do "nhên-nhên" da carrêta, alteiam-se pedacitos de canções gaúchas:

*A carrêta vai gemendo
Pela estrada do rincão,
Vai levando uma saudade
Que nasceu no coração.*

E não descuidando a ponta, enquanto a aguilhada vai mostrando o caminho:

— Malhado, boi desgraçado!... Não tá vendo o buraco?!

Inverno ou verão, sempre a mesma vagarosidade. Principalmente na estação das chuvas, com as estradas tapadas de um barro grude, e qualquer sanguinha a "campo fora"...

Quando chega o meio-dia, e o sol de dezembro começa a incendiar a terra tôda, a carreteada faz pouso.

Cont. na pág. 63



AO meio-dia, encontrando local com bom pasto e boa aguada, os carreteiros fazem o "pouso", que se prolonga com uma boa sestas...



MAS há também as carrêtas tôcas, com rodado de tronco de árvore para viagens curtas, transporte de lenha ou colheitas.

O JOGO DO BICHO

está proibido!...



... Mas um sonho ou
palpite devidamente
interpretado poderá
trazer

SORTE

NA VIDA, NO AMOR
E NOS NEGÓCIOS!



É sabido que os sonhos — a linguagem da alma — têm um sentido profético. É preciso, todavia, conhecer a maneira de

interpretá-los. O LIVRO DOS SONHOS, de Jayme Corazin, indica, através das fases da lua, se o sonho é realizável ou não, dizendo os dias do mês e da semana mais favoráveis à realização dos sonhos, a sua hora propícia, bem como muitas outras revelações importantes, baseadas nos ensinamentos dos mestres do ocultismo. Um método simples, prático e infalível. Apareceu a 3.ª edição ampliada.

LIVRO dos SONHOS

por JAYME CORAZIN

Nas livrarias ou pelo reembolso, Br. \$12,00 — Enc. \$22,00. EDITORA GLOBO, Cx. Postal, 1620 Pôrto Alegre.

12 - 66 - 89 - 30 - 1 - 95

CARRETEIROS

Cont. da pág. 35

Se a estrada já é conhecida, muitas vezes cortada pelas carretas, há um pouso certo; geralmente é ao lado de uma venda. Em caso contrário, escolhe-se um local com boa água, bom pasto pra bolada e lenha farta pro fogão. Chegados ao pouso, os carreteiros "descangam" os bois, enquanto os gurijs vão buscar lenha e água. E já crepitam os fogos, e já se armam as tremes, o fogão típico dos carreteiros, e se fazem as rodinhas em torno do fogo, enquanto o chimarrão vai correndo de mão em mão e, na marmita, pula o feijãozinho com charque e o conhecido "arroz de carreteiro". O que se nota, nestes poucos — do mesmo modo que durante as viagens — é a calma em tudo. Os bois, com os olhos sonolentos, ficam ruminando os pastinhos suculentos da beira da sanga. A cachorrada, enrodilhada ao pé da trempe, encanta-se com o cheiro do bom do charque cozinhando. E os carreteiros, quase silenciosos, esperam a hora da "bóia". Um carreteiro é a antítese do tropeiro. Este fala gritando, é todo gestos desbragados, gosta de contar casos, e, conseqüentemente, mentir um pouquinho. O carreteiro, não. Fala arrastando a palavra, custa a responder a uma pergunta, enche o mate como se estivesse enfiando linha numa agulha, e, picando o fumo para o "crioulo" leva a vida inteira. Em todos os gestos mostra a influência daquela vida errante e sem pressa que leva.

A LENDA DO FOGO MORTO

O leitor sabia que um carreteiro nunca acende seu fogo onde há sinal de fogo anterior? É uma superstição antiga, vinda dos velhos tempos, e não há carreteiro capaz de cometer tal heresia. Ouvimos de um carreteiro, em seu pitoresco linguajar descansado, a origem da lenda do "Fogo Morto":

— Um dia, com mais duas carrêtas guiadas pelos filhos, seguia, lá pelas bandas do Jaguarão, um carreteiro. Bento de nome — isto há muito tempo, quando meu bisavô ainda era piá — num carregamento grande de fazendas pra vila. Bueno, diz que — eu digo diz-que porque não sei se é verdade, embora o dito seja narrado e jurado por toda a indiada dos velhos tempos — diz-que o homem já estava rico, e carreteava só por amor à vida, pois no rancho tinha uma gualaca cheia de onças de ouro. Quando quisesse, era desembolsar... e estava com uma estância grandote e uma gadaria buena. Mas o caso foi este: um dia, carreteando, como eu já disse, o tal homem foi fazer pouso num capote de boa água, num dos braços do Jaguarão. Enquanto um dos filhos ia buscar água, ele saiu a campear gravetos pra prender o fogo. Mas, pro caso, diz-que pra mode não gastar tempo, resolveu aproveitar um resto de fogo que ali havia — decerto de viajero que recém passara — com uns ticozinhos ainda alumando. E acendeu a fogueira bem emriba do outro fogo. Pra quê!... Nem le digo nada!... Veja você que cabeça! Pois não há carreteiro que não saiba que isto é desgraça na certa. Nem le conto: bateu uma ventania, levou um tico de arrasto, pegou no santa-fé das carrêtas, e foi aquele fogaréu, num

upa! Foi dois e três e já estava tudo em labaredas. Os bois, assustados, dispararam. O homem velho e os dois filhos corriam da sanga pro fogo, trazendo água, mas... que nada! Ao anoitecer, estava tudo limpo como panga de cascavel. Não sobrou nem um rôlo de fazenda. A bolada se sumiu. Desconsolado, arrependido pela heresia — veja só se o homem não era louco! — o carreteiro voltou pro rancho. E não terminou aí a história. A sua china — diz-que linda e tufuleira como poucas — tinha se tocado na garupa dum milico. E, pra completar o caso, ainda levava de "reuerdo" a gualaca do marido.

E, chupando geitosamente o paiheiro:

— Tai a história. Se é verdade não sei. Só sei que prender fogo em fogo morto é desgraça na certa. O tihoso arma mais aripucas pros videntes que meneios tem corpo de china-flor. E uma destas aripucas tai: fogo morto de carreteiro. É um pião, amigo velho, é um pião!...

RELIQUIA DO RIO GRANDE

Deixado o pouso, lá seguem as carrêtas novamente. Quando a noite desce, novo descanso. Os carreteiros, estendidos nos pelegos, sob a "mesa" da carrêta, os bois silenciosos deitados ao lado, a cachorrada farejando o ar, uma lua linda lá encima, e um gaúcho abrindo a cordeona numa polca que recorda a chinoca da querência. E pela madrugada, quando as barras do dia apontam no fundo das coxilhas, continua o viajar, aos gritos de "Hou! hou!", acompanhado pelo gemo das rodas e pelo bimbalar do cinorro. E assim vive o carreteiro. Sua cama são os pelegos. Seu teto, o céu tão lindo e azul. E o guardas de seu sono, a bolada, o cusco vigilante, e as estrelas tremeluzindo no alto. O carreteiro não tem casa. Quem tem casa é a sua "china", pra cuidar da filharada. E a filharada lá fica só quando mui pequena, pois mal-mal "se botando gente" vai aprendendo o ofício com o pai. De quinze em quinze dias, volta o carreteiro ao rancho. E quanto de amor encontra em seu humilde lar! Quinze dias de espera... e a certeza de nova viagem. Então, sua companhia é toda saude e carinhos. Depois... lá segue o carreteiro, em busca de novas cargas.

— A vida está preta agora, patrício — conta-nos um carreteiro do município de S. Jerônimo. — Hoje em dia, carretear não dá nada. O trem, os caminhões, e até mesmo as carroças de colonos, roubam-nos o serviço. E, ainda por cima, os impostos aumentam dia a dia. Há vezes em que a gualaca fica mermada, e mal dá pra comida. No inverno, a filharada trema de frio, resita como pinoto embaixo de goteira, e a gente só bombeando, pois nada se pode fazer.

Foi agitando o fumo do cigarro de palha, preparado a gosto, e continuou:

— Ainda no ano passado a coisa estêve buena, com os carregamentos de madeira pra estrada de ferro. Mas agora... nada mais se faz do que levar mercadorias pra vendas do fundo do município, onde não chega condução maior. Porque o mais — o trem arrebanha tudo. Diz-que em Pôrto Alegre a coisa está melhorando, com as carreteadas de lenha de Sapucaia, pois pagam bem pela lenha na capital... Pode ser... Mas eu, como quera, não deixo a minha querência. Ainda mais pra ir pra cidade gren- Cont. na pág. seg.

SUA PELE TEM OS PÓROS ABERTOS

Os póros a pele tem a tendência de se conservarem fechados. Há, porém, grande número de pessoas que desde muito moças têm os póros abertos, o que permite que o rouge e o pó de arroz penetrem no seu interior. Essas peles, em geral gordurosas, são muito sensíveis ao sabão e só podem ser radicalmente limpas com o Leite de Lanolina do Dr. Denrik. Basta de manhã ao levantar e de noite ao deitar, fazer uma aplicação cuidadosa de Leite de Lanolina do Dr. Denrik, líquido muito fino e penetrante, de composição sem similar, para se conservar o rosto fresco, avulidade e sadio.

LEITE DE LANOLINA
do Dr. Denrik
é bom para a pele

DORES NA CINTURA



A causa provável de todos os seus males é o excesso de ácido urico acumulado no organismo. Os rins que deveriam filtrar e purificar o sangue, estão falhando no seu funcionamento.

Eis a razão pela qual V. S. se acha sofrendo de dores crônicas nas costas, dores reumáticas, noites mal dormidas e constante rigidez nas articulações e músculos.

Com confiança dizemos que não existe modo mais rápido de eliminar do sangue o excesso de ácido urico e outros venenos dolorosos do que um curto tratamento com as universalmente afamadas **Pilulas De Witt** para os Rins e a Bexiga, tão recomendadas pelos médicos.

PILULAS

DE WITT

Para os Rins e a Bexiga

EM VIDROS DE 40 E 100 PILULAS.
O GRANDE É MAIS ECONÔMICO!

CARRETEIROS

Cont. da pág. ant.

grande. Que nada! Não há gente, por bueno que seja, que lá um dia não metta o pinga por riba de uma cova de touro, e se vá ao chão. E eu não duvido que, chegando lá, não vá um dia me embretar pelas ruas da cidade, prá mudar de vida. E eu sei bem, por experiência, pelo muito que tenho visto nestas minhas viagens, que gaúcho que deixa o pago e vai prá cidade é gaúcho perdido. E assim vou vivendo...

Pegou um tição de fogo, acendeu o palheiro, e, depois de uma baforada longa e perfumada:

— Que dê pouco rendimento, mas... — o que se vai fazer? — eu me criei ouvindo o badalo dos tambores. E mesmo... longe de uma carrêta eu nem sou gente, patrício!

E lá se vai o carreteiro, ziguezagando pelos caminhos do Rio Grande...

Vai, último símbolo da raça gaúcha! Continua em teu viajar, até que o tempo te consuma por completo. Vai, relíquia da gauchada heróica de outros tempos...

E lá se vai o carreteiro, ziguezagando pelos caminhos do Rio Grande...

E nesse viajar sem fim, que ele não sente, Lembra a viagem constante da saudade, Carregando o passado prá o presente...

ISTO ATÉ EU. . .

Cont. da pág. ant.

— Em reproduções é muito mais bonito.

— Essa coisa está completamente errada. Não sei como é possível admitir que se pinte assim...

— Veja esta mão! Está errada... e do pé, nem se fala: parece mais um desenho de guri.

E' bem possível que tais pessoas, depois das conferências de Marques Rebelo, tenham mudado de opinião. Ou pelo menos tenham ficado impressionadas, o que já é alguma coisa. Foi pena que a exposição tenha durado tão poucos dias e que logo após o seu encerramento também o escritor tenha se ausentado. Nessa questão de arte moderna a insistência vale muito. Esperemos, pois, que a crítica prossiga naquilo que Marques Rebelo tão oportunamente esboçou, isto é: que tome a si, como deve, o encargo de esclarecer o público porto-alegrense sobre a importância e o verdadeiro sentido da pintura contemporânea no Brasil.

De qualquer modo, essa "exposição de Pintura Contemporânea" apresentada por Marques Rebelo veio iniciar, no auditório do "Correio do Povo" uma série de mostras pictóricas de real significação artística. Agora mesmo lá está expondo o jovem pintor gaúcho Carlos Alberto Petrucci que apresenta sua primeira exposição individual e cujos trabalhos estão sendo discutidos e admirados pelo público. Petrucci, segundo tudo indica, e apesar do seu autodidatismo, é uma das mais positivas afirmações da pintura no Rio Grande do Sul. Esta exposição certamente será decisiva na sua carreira.

Já para dezembro está anunciada outra exposição de um pintor contemporâneo: a de Leopold Haar, artista polonês, ex-combatente do Oitavo Exército na Campanha da Itália

e atualmente radicado em Porto Alegre. Também para fins desse ano ou começo do próximo, deverá expor entre nós o pintor Enrico Blanco, conhecido nos ambientes cariocas e paulistas.

E outras mais virão, com o tempo. Que os críticos tratem de aparar seus lápis e de colocar à mão as suas enciclopédias.

AMOR À TERRA

Cont. da pág. 61

Sim, enquanto José Flores falava e falava, percebi claramente que não havia nele nenhuma vocação para a água. Desde criança, me disse, que trabalha na terra, que ama a lavoura. E ainda hoje toda a sua família — ele, mulher e quatro filhos menores — corre para as plantações na época em que não há laranja para transportar. Quando jovem, José Flores sonhou em ter a sua própria lavoura, o que até agora não foi possível. Mas continua sonhando e esperando. Enquanto isso, divide o seu tempo com o seu barco e com o cuidado da terra dos outros. Já tem um sítiozinho lá em Pareci Velho, porém esse é pequeno e a sua horta só fornece para o gasto da família. O seu ideal seria dispor de uma grande área de terra. Então, sim, estaria realmente satisfeito e dono do seu futuro. Saberá como lidar com essa terra. No começo, entraria apenas com a força dos seus braços e mais os de seus filhos e mulher. Mas em breve daria um jeito de comprar máquinas. Mecanizaria a sua lavoura. Sua produção lotaria os mercados. Ficaria rico, faria a felicidade dos seus. Rico e feliz, porém, não arredaria o pé da terra. Permaneceria sempre junto dela, com ela e para ela vivendo.

José Flores me confessou isto: Quando viaja quase nem presta atenção ao barco e ao rio. Aliás, nem tem necessidade disso, pois, o seu barco não tendo motor, vem e volta sempre a reboque de alguma gasolina. O que faz é namorar as terras que se distanciam da margem do rio para além do horizonte. E eis o que ele me disse que pensa nessas horas:

— Tanta terra debalde... e eu aqui com tamanha vontade de trabalhar nelas.

Porém tudo isso é sonho, puro sonho. José Flores não alimenta a menor ilusão acerca desse seu amor à terra. Tanto assim que, depois de tantas confidências, lá veio a conclusão definitiva, com a qual costuma encerrar os seus assuntos e acomodar os seus recalques:

— Quando Deus Nosso Senhor não consente, não adianta a gente teimar...

Não quero dizer que José Flores esteja em contradição com essa filosofia. Não quero que pensem que ele seja teimoso. Mas seria capaz de garantir que descobri no brilho dos seus olhos, ao pronunciar essa frase plebeia e conformista, uma chama muito significativa. E essa chama, tive a impressão, me advertiu que em José Flores, apesar de tudo, o lavrador é maior que o embarcado.

Se isso é verdade, acaso será pecado de José Flores?